

A AFETIVIDADE PARA A DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO E DA DESIGUALDADE AFETIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AFFECTIVITY FOR THE DECONSTRUCTION OF RACISM AND AFFECTIVE INEQUALITY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Olívia Alexander Gabriel¹
Luciano Blasius²

RESUMO

O racismo é uma violência silenciosa e estrondosa vinda de várias pessoas, e pessoas pretas sofrem por isso diariamente em todos os âmbitos. O espaço escolar não é apenas responsável pela educação formal de crianças, mas também pelo despertar do autoconhecimento para a construção de um desenvolvimento integral e saudável, envolvendo todas as relações interpessoais da criança. Deparar-se com o racismo, já no desenvolvimento infantil, é prejudicial para a construção da identidade da criança preta, principalmente pela desigualdade afetiva recebida, pelos olhares e pelas falas que a reduzem, potencializando a falta de segurança em si. A desigualdade afetiva em relação às crianças pretas, durante a Educação Infantil, causa dores profundas e duradouras. A educação para as relações étnico-raciais e o entendimento referente ao racismo estrutural são essenciais para a sociedade, principalmente no Brasil, país que mais sequestrou populações africanas para a escravização. Neste cenário, o objetivo desta pesquisa é fomentar discussão crítica e reflexiva sobre a importância do papel da escola e de como a afetividade pode ser usada como ferramenta contra o racismo na Educação Infantil. Precisamos discutir e procurar maneiras de enfrentamento ao racismo em todo e qualquer espaço. Considerando historicamente a situação brasileira, a discussão sobre racismo estrutural é relativamente recente, ganhando força com a criação da Lei nº 10.639/03, ampliada pela Lei nº 11.645/08, que inclui a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena em toda a rede de ensino. Contudo, ainda se faz necessário compreender que, para além da educação formal, é preciso descolonizar as ideias de professores/as e de profissionais da educação, a fim de que tenham olhar humanamente diferenciado sobre crianças pretas dentro da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Educação Infantil. Racismo. Desigualdade afetiva. Afetividade.

ABSTRACT

Racism is a silent and thunderous violence, at the same time, that black people suffer daily, in all areas, coming from several people. The school space is not only responsible for the formal education of children, but also for the awakening of self-knowledge for the construction of an integral and healthy development, involving all the interpersonal relationships of the child. Facing racism, already in child development, is detrimental to the construction of the black child's identity, mainly due to the affective inequality received, the looks and the statements that reduce it, enhancing the lack of security itself. The affective inequality in relation to black children, during Kindergarten, causes deep and lasting pain. Education for ethnic-racial relations and understanding regarding structural racism are essential for society, especially in Brazil, the country that most kidnapped African populations for enslavement. In this scenario, the objective of this research is to encourage critical and reflective discussion about the importance of the role of the school and how affectivity can be used as a tool against racism in Early Childhood Education. We need to discuss and

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Discente de Pós-graduação Lato Sensu em Psicopedagogia na UCB.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenador do Curso de Pedagogia da Universidade Católica de Brasília (UCB).

look for ways to confront racism in any space. Historically considering the Brazilian situation, the discussion on structural racism is relatively recent, gaining strength with the creation of Law 10.639/03, expanded by Law 11.645/08, which includes the mandatory teaching of Afro-Brazilian History and Culture and Indigenous throughout the education network. However, it is still necessary to understand that, in addition to formal education, it is necessary to decolonize the ideas of teachers and education professionals, so that they have a humanly differentiated look at black children within the school.

KEYWORDS: Education. Child education. Racism. Affective inequality. Affection.

1 INTRODUÇÃO

O racismo no Brasil está cada vez mais escancarado e ainda há uma negligência com o assunto. O termo raça surgiu no século XVI diante de várias transformações na sociedade, mas sempre esteve ligado às “diferenças” (ALMEIDA, 2019).

O tema desta pesquisa foi escolhido pelas vivências adquiridas enquanto criança dentro da escola e também pela falta de suporte dos/as professores/as e demais profissionais do ambiente escolar, talvez por não estarem preparados/as para lidarem com tal situação, que tem sido objeto de reflexões e discussões mais recentemente, mesmo que o racismo seja, infelizmente, algo muito antigo. Ir para a escola na infância era um processo muito doloroso, decorrente do racismo e da neutralidade dos/as profissionais da educação.

A experiência com a docência, principalmente em rede privada, levou a outras percepções do tema. Observar algumas crianças pretas³ (BRASIL, 2011) e a desigualdade afetiva deferidas a elas, seus comportamentos e as relações de terceiros/as contribuiu fortemente para a escolha e elaboração da presente pesquisa.

O racismo afeta a criança preta em vários pontos, como no desenvolvimento de sua identidade, na sua autoestima e na falta de confiança em si. A afetividade é importante nesse processo, pois, por meio dela, a criança desenvolve autonomia e desperta valores importantes sobre a vida e percepções sobre o mundo.

Neste cenário educacional, esta pesquisa traz a seguinte questão: como usar a afetividade contra o racismo na Educação Infantil? Não existe fórmula pronta para combatê-lo, tendo em vista que o racismo é estrutural, percorrendo toda a sociedade; mas temos como hipótese que a afetividade no desenvolvimento infantil é caminho para desconstruir o racismo. O objetivo geral desta pesquisa é fomentar discussão crítica e reflexiva sobre a importância do papel da escola e

³ Nesta pesquisa, utiliza-se o termo criança/pessoa preta pela importância deste para a identidade da comunidade preta, corroborando para o reconhecimento e fortalecimento de sua identidade.

de como a afetividade pode ser usada como ferramenta contra o racismo na Educação Infantil.

A educação é fundamental para a formação do ser humano. Na escola, as crianças são reflexo de tudo o que aprendem e vivenciam com seus/suas responsáveis, de forma direta e indireta. Pessoas pretas sofrem muito na infância, dentro da escola pela cor da pele, pelo cabelo, por apenas serem como são. Muitas vezes, na escola os/as profissionais não agem para diminuir as situações de preconceito, assim o ir à escola torna-se um processo doloroso. Crescemos querendo mudar quem somos, alisando nossos cabelos e desejando uma pele clara para sermos bem tratados/as e recebermos outros olhares. Ser motivo de “piada” por ser preto/a é cruel demais. Nenhuma criança merece passar por isso.

O racismo permeia todos os pontos da estrutura brasileira: a política, a saúde, a educação e, principalmente, o espaço escolar. Ele está na vida de pessoas pretas desde seu nascimento, sendo de suma importância o estudo da temática étnico-racial, sobretudo para profissionais da educação saberem que é possível uma educação antirracista e afetiva para o desenvolvimento humano integral e saudável, a fim de que se alcance uma sociedade com menos preconceitos.

Trataremos aqui do racismo estrutural utilizando a afetividade como ferramenta para combatê-lo na escola. A importância desta pesquisa para a sociedade é a demonstração de como o racismo impacta negativamente no desenvolvimento infantil, apresentando formas de enfrentamento desse cenário no ambiente escolar. Este artigo torna-se relevante para profissionais da educação e instituições de ensino, porque possibilitará reflexão sobre a necessidade de transformação do meio escolar, especialmente para crianças e jovens pretos/as.

Acreditamos que a educação afetiva é primordial para a solidariedade, para a humanização, para o respeito às diferenças, para acabarmos com a desigualdade e para darmos um basta nesse ciclo repetitivo e interminável. Desejamos que, a partir deste e de outros estudos, crianças pretas sofram cada vez menos em virtude desse sistema cruel e que consigamos mudar – ao menos um pouco – a educação no país.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, optou-se por utilizar a metodologia explicativa a fim de estabelecer conexão entre afetividade e racismo, demonstrada no modo como aquela pode ser usada como ferramenta contra este, no espaço escolar, o que contribuirá, conseqüentemente, para o desenvolvimento integral de crianças pretas.

Considerando-se os procedimentos de coleta de informação, a partir de diversas fontes, bem como a análise de tais informações para o desenvolvimento da pesquisa, ela se caracteriza como bibliográfica,

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros,

revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Foram realizadas pesquisas nas bases de dados bibliográficos do Google Acadêmico e Scielo, com as palavras-chave: racismo, afetividade e educação. Na plataforma Scielo, não obtivemos nenhum resultado com as palavras-chave mencionadas. Na plataforma Google Acadêmico, foram encontrados 25.400 resultados; fizemos um recorte de tempo entre 2017-2022 e apareceram 15.800 resultados; em seguida, foi feito recorte de tempo entre 2017-2020 e foram obtidos 14.400 resultados; a partir disso, consideramos o recorte de tempo entre 2017 e 2020. Dentro desse intervalo, selecionamos pelas palavras-chave nove artigos para comporem a pesquisa e dentre esses, pelos resumos, definimos os quatro considerados mais pertinentes. Ao longo da pesquisa, utilizamos também outros artigos complementares disponíveis no Google Acadêmico. Baseamo-nos também em três livros para fundamentar melhor a pesquisa. Dessa forma, diante da natureza dos dados, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa.

A pesquisa qualitativa não visa à quantificação, mas sim ao direcionamento para o desenvolvimento de estudos que buscam respostas que possibilitam entender, descrever e interpretar fatos. Ela permite ao pesquisador manter contato direto e interativo com o objeto de estudo. A pesquisa quantitativa segue com rigor de estudo a um plano previamente estabelecido, com hipóteses e variáveis definidas pelo estudioso. Ela visa enumerar e medir eventos de forma objetiva e precisa. (PROETTI, 2018, p. 25)

2 A INDISSOCIABILIDADE ENTRE EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE

Durante todo o ciclo da Educação Básica, o processo ensino-aprendizagem é primordial para o desenvolvimento integral do/a estudante. Há algum tempo, o envolvimento de outras dimensões em sala de aula, que não a dimensão pedagógica, era tido como anormal, uma vez que poderia extrapolar relações estritamente familiares. A escola não era vista como lugar de reflexões acerca de vivências e de demonstrações de afeto, muito menos de trocas nas relações entre docente e discente.

Cada etapa da Educação Básica precisa de suas especificidades. Cada faixa etária possui suas necessidades de aprendizagem e experiências, tanto de modo individual e interno, quanto na relação com a turma. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), a Educação Infantil está dividida entre creche e pré-escola e inclui três grupos de faixa etária distinta: bebês, de

0 a 1 ano e 6 meses; crianças bem pequenas, de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses; e crianças pequenas, de 4 anos a 5 anos e 11 meses. Bebês e crianças bem pequenas são inseridas em creches e crianças pequenas são inseridas em pré-escolas.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), na Educação Infantil, há seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento pelos educandos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se; direitos esses que são essenciais para o desenvolvimento integral. A BNCC também especifica os campos de experiência que proporcionam uma organização e vivências para que crianças aprendam e se desenvolvam de acordo com a faixa etária. São cinco campos, dentre eles, o campo “o eu, o outro e o nós”, que versa sobre se reconhecer e se expressar, interagindo com outras crianças da mesma faixa etária, além da prática de resolução de conflitos, do respeito às diferenças e do desenvolvimento da empatia para o entendimento de que ações têm consequências.

Silva e Florêncio (2018, p. 58) explicam que ter uma didática com base em brincadeiras desenvolvidas com o apoio dos/as professores/as, com metodologias ativas e que reflita a diferença étnico-racial que temos no Brasil, constrói a educação afetiva e antirracista. Não é sobre não ter identidades brancas, mas sobre não ter apenas identidades brancas. Os autores observam que é importante não ter apenas bonecos brancos com o cabelo liso, mas também com outros tons de pele, com outras texturas de cabelo, representando a verdadeira diversidade que temos no nosso país. Esse processo é fundamental para que as crianças tenham suas próprias percepções sobre si e sobre o mundo, por meio de afetividade, desconsciência e de suas experiências diversas no espaço escolar, a fim de desenvolverem o respeito e o afeto.

É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança construirá a sua identidade e será capaz de rerepresentar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal e o feio, entre outras coisas, começam a se construir nesse período. (BRASIL, 2006, p. 29)

O afeto, a fala e o olhar carinhoso foram ausentes por muitos anos dentro das relações humanas, sobretudo com relação às crianças e, conseqüentemente, na escola. A visão e postura do/a professor/a é o primeiro passo para mudanças significativas entre as relações em turma. Segundo Paulo Freire (2022), o/a professor/a deve assumir uma postura ética, isto é, ir contra todo e qualquer tipo de discriminação. A partir desse pensamento, o/a professor/a assume o papel de mediador/a e de transformador/a, sendo necessária a observação dos/as estudantes sobre a postura leal e de respeito do/a professor/a com relação a eles/as.

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo outra presença

como um “não eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. (FREIRE, 2022, p. 20)

O afeto pode ser um fator determinante no processo de desenvolvimento do/a educando/a, do reconhecimento de si e do/a outro/a, do sucesso ou do insucesso, sendo motivado pela relação docente e discente. O/A professor/a afetuoso/a, empático/a e respeitoso/a motiva o desenvolvimento de crianças confiantes, curiosas e solícitas.

Para Santos (2015), a partir da relação do/a professor/a com o/a aluno/a, estabelece-se uma conexão, um sentimento confortável para a criança se expressar e, conseqüentemente, desenvolver o afeto. Por meio desse afeto é que acontece a troca de conhecimentos, que a criança se torna curiosa, que busca seu próprio conhecimento, a resolução de seus conflitos e as relações harmoniosas com outras crianças.

A afetividade é um dos principais elementos da inteligência que pode ajudar no desenvolvimento do aluno. Este deve ser visto como o sujeito ativo, o qual deseja aprender de forma significativa, não sendo simplesmente um expectador, em que só são repassados os conteúdos, sem haver preocupação por parte do professor. (SANTOS, 2015, p. 22)

Dessa forma, o processo ensino-aprendizagem e a relação professor/a e aluno/a vão muito além da transmissão de saberes. Constituem o desenvolvimento da criticidade, da autonomia e da curiosidade para buscar seus próprios saberes. A escola não é e não deve ser, jamais, local de opressão de vozes, vivências, culturas e afetos. Segundo Santos (2015), o afeto é o que nos faz querer viver e nos mostra um lado melhor da vida, nos prepara para nossas ações, nos faz senti-lo através de sonhos, palavras, gestos e expectativas, sendo essencial para percepções e avaliações sobre situações cotidianas. “Isso caracteriza o afeto como resultante da prática do amor, atitude que se reveste de estímulo para a conquista do saber” (SANTOS, 2015, p. 21).

Paulo Freire (2022) traz a reflexão de que tudo o que se vivencia de experiências informais dentro da escola, de caráter socializante, é negligenciado. Infelizmente, fala-se muito mais de uma dimensão didática, da transmissão de conteúdos e transferência do saber, sempre um processo automático, sem curiosidades e prazeres – prazer de aprender, de conhecer, de ser curioso, de explorar, de conviver e socializar – no ambiente escolar. É a compreensão interna e coletiva dos valores dos sentimentos, das emoções e inseguranças que gera a coragem, e essa é a verdadeira importância da formação docente, e não a repetição mecânica dos gestos.

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo. (FREIRE, 2022, p. 43)

A criança pequena não precisa de fórmula para a aprendizagem, mas a relação afetiva entre docente e discente é determinante para a construção da confiança, da segurança, da empatia e da coragem. A educação afetiva é primordial para a transformação do espaço escolar, para além de visões e vivências conteudistas.

Dos 03 aos 11 anos, as aptidões parecem não contribuir de maneira eficiente. Por esse motivo, o momento seria propício para orientar e cultivar todas elas, cada uma de acordo com sua natureza: manual, corporal, estética, intelectual e moral. (WALLON, 1968, p. 155)

Para Wallon (1979), é na escola que o ser se desenvolve e se constitui para a sua existência, sendo fundamental sua função de desenvolver aptidões nas crianças, valorizando seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e de socialização, com o objetivo de ter uma educação e formação completa de sua autonomia e cidadania. Dessa forma, cabe ao professor conhecer os valores e as particularidades dos educandos, com uma postura de igualdade, justiça e respeito.

3 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Falar sobre o racismo exige profunda reflexão sobre a construção da nossa sociedade; exige lembrar desde as cartas de alforria até o fato de uma pessoa preta falar “bom dia!” e poucas vezes ser respondida; exige observar a cor da maioria das pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social e econômica, que abandonam os estudos por vários motivos, que ocupam cargos de baixa remuneração e, principalmente, os espaços em que essas pessoas – quase – não estão. Elas ocupam espaços em que não há políticas públicas e muito menos a atenção do Estado.

O racismo estrutural afeta o desenvolvimento da criança preta desde seus primeiros reflexos na infância, a partir dos olhares dos/as professores/as, dos/as servidores/as da gestão escolar e da reprodução do racismo em sala de aula e da atitude (ou da falta de atitude) tomada com relação a isso. O processo de desenvolvimento de sua identidade, o reconhecimento de si, do/a outro/a, de seus sentimentos e suas emoções se tornam mais árduos e lentos.

Segundo Bento (2018), é no espaço em que as crianças vivem e como elas se enxergam nesse meio que se desenvolve a identidade, com as vivências de tudo o que observam e sentem em todo e qualquer espaço. Para a criança preta, esse processo é ainda mais complexo, pois, ao chegar

na escola, depara-se com o racismo também naquele meio, com as diferenças, com os comentários que escuta, o que torna o processo identitário mais difícil.

Para entendermos o racismo e como ele se forma na história estrutural da sociedade, é preciso mudar nossa forma de pensar, descolonizando nossos conhecimentos (SOUZA, 2017). Esse processo é necessário não só para pessoas pretas, mas sobretudo para pessoas brancas. Com a alteração da Lei nº 9.394/96, modificada pela Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), a educação deu um passo importante em relação ao conhecimento colonizado transmitido na Educação Básica e Superior, o que permitiu outra percepção acerca do tema étnico-racial, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira. Em 2008, a lei foi modificada novamente, passando a incluir a História e Cultura Indígena. Assim, a Lei nº 11.645/08 (BRASIL, 2008) trata da inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena em toda a rede de ensino do país.

Entende-se como racismo estrutural, todo aquele vivenciado – no Brasil – desde os períodos colonial e imperial até os dias de hoje. Racismo este que não foi criminalizado na época da forma que deveria; já que não existiram medidas preventivas e punitivas para que esse crime não fosse adiante, muito pelo contrário, a discriminação racial sempre existiu. Portanto, entendemos como racismo estrutural aquele sofrido por pessoas pretas desde a construção da sociedade, ou seja, na estrutura desta. Ainda, segundo Almeida (2019), a não presença de pessoas pretas em espaços como o da política, da economia e da subjetividade é marcante para evidenciar o racismo estrutural que também se sedimenta, por exemplo, quando o feminicídio de mulheres pretas tem maiores índices que o de mulheres brancas.

Por muitos anos, a ausência desse debate afetou também os olhares dos/as docentes para os/as estudantes pretos/as, transmitindo a falta de perspectiva, de esperança e o insucesso predestinado para o futuro dessas crianças e jovens, causando intensidade na desigualdade afetiva, além da desigualdade social vivenciada há séculos. Essa mentalidade afeta as crianças pretas desde a Educação Infantil e colabora para a negação de si mesmas, de suas cores, das suas características físicas, de suas culturas e de suas histórias, contribuindo para o desenvolvimento de baixa autoestima.

Não é incomum encontrarmos crianças pretas que passam a alisar seus cabelos quando chegam na escola e se deparam com o racismo também naquele espaço.

O Brasil foi o país que mais recebeu populações africanas escravizadas: cerca de 6.300.000 (seis milhões e trezentas mil pessoas), ao longo de mais de 300 anos. Hoje existem 5.239 comunidades quilombolas reconhecidas e certificadas e, em 2010, data da realização do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 54% da

população brasileira se autodeclarou preta, compreendendo pretos e pardos, segundo a classificação do referido instituto. (BARROS, 2017, p. 53)

Dentro do âmbito escolar, a desigualdade afetiva constrói-se de diversas formas, por questões de orientação sexual, questões regionais, questões culturais e outras, porém é fato que o racismo segue à frente. Essa desigualdade afetiva reflete-se na criança preta de várias formas, seja em um tom grosseiro, um toque indelicado ou um olhar desencorajador. Dessa forma, acarreta traumas e dores levadas por um bom tempo da vida, quando não para a vida inteira. A educação afetiva se faz cada vez mais necessária e emergente.

Segundo Fernandes e Bijagó (2020), a criança é leitora do mundo, cuja verdadeira educação surge de suas vivências e, quando ela desenvolve uma visão positiva de si, forma-se uma autoestima elevada e a construção de sua identidade. Por isso, é imprescindível que nesse processo a criança preta tenha acesso à verbalização de diferentes temas, principalmente de temas étnico-raciais, dando outras perspectivas para si mesma, fugindo do discurso automático de reprodução do que crescemos ouvindo e acabamos normalizando, com o qual nos deparamos ao longo da vida, principalmente no meio midiático.

É comum lidarmos com discursos racistas, preconceituosos e sem informação de pessoas que estão reproduzindo o que veem ou escutam, sem o mínimo de aprofundamento ao tema. Precisamos falar sobre a escravidão, sobre o racismo, sobre a falta de pessoas pretas em cargos importantes e de poder, sobre as microviolências que as crianças pretas sofrem todos os dias, principalmente com os olhares discriminatórios e a exclusão silenciosa. Quando a criança é confiante de si e não tem vergonha de ser quem é, ela tende a ser mais respeitosa e receptiva com o outro.

Como admirar sua cor e se sentir pertencente com ela, se ser preta é sinônimo de tudo que não presta? Se não há uma representatividade dos personagens pretos que assumam papéis sociais memoráveis, nem imagens nas atividades, nos livros, no filme ou até nas músicas cantadas e nas expressões faladas? (FERNANDES; BIJAGÓ, 2020, p. 69)

Luana Tolentino (2018) traz uma reflexão sobre o poder da escuta em sala de aula, de compreender e respeitar as vivências e experiências dos/as estudantes. Ela menciona a pergunta que um aluno lhe fez: “Professora, por que eu preciso aprender Ciências se eu vou trabalhar em obra?”. Essa pergunta nos faz voltar ao ponto que crianças pretas são predestinadas, por um sistema estruturante do racismo, a alcançarem e como elas tomam consciência disso. A professora relata que ficou paralisada, sem saber o que falar, e, a partir disso, elaborou uma aula que contou o relato de outro aluno, Fábio Constantino, filho de uma empregada doméstica que conseguiu passar

em 1º lugar para o curso de medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. O intuito da aula não era falar sobre mérito ou merecimento; mas, ao contrário, mostrar como é árduo o processo para nós, pessoas pretas, alcançarmos e conquistarmos diversas posições de destaque na sociedade. Após a aula, a professora enfatizou que existem poucas histórias como a de Fábio e que isso não se dá pela falta de esforço próprio, mas sim pela estrutura de uma sociedade racista. Ao terminar a aula, iniciou um momento de reflexão com os/as estudantes e o mesmo estudante que lhe motivou a elaborar a aula disse: “Eu aprendi que a pobreza não pode tirar da gente o direito de sonhar”.

Crianças pretas e periféricas sofrem todos os dias com a falta de saúde pública, de educação pública, de transporte público, de moradia, de alimentação, de direitos básicos. A educação precisa ser antirracista para que, assim, como o aluno da professora Luana Tolentino, todas as crianças pretas tenham o direito de sonhar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi discutido até aqui, é possível observar que o afeto na educação tem poder transformador para o desenvolvimento infantil, principalmente para o processo de construção de uma educação antirracista, libertadora e democrática.

Ao se entrar em uma sala de aula, é possível ver o reflexo da sociedade sendo projetado naquele espaço: às vezes, na falta de afetividade na relação entre docente e discente, e, outras vezes, na falta de iniciativa da docência. Diante disso, voltamos à questão norteadora desta pesquisa: como usar a afetividade contra o racismo na Educação Infantil?

O racismo está presente na sociedade brasileira desde sua colonização. Está fortemente enraizado na nossa História, o que se reflete na falta de direitos e condições básicas na vida de pessoas pretas, como moradia, saúde, educação, alimentação, lazer e, sobretudo, na falta de oportunidades de trabalho remunerado. Sendo assim, não há fórmula exata para se acabar com o preconceito passado de gerações em gerações desde a construção da sociedade brasileira.

A afetividade faz um papel importante na transformação da educação e na construção da educação antirracista, pois, por meio dela, crianças se desenvolvem enxergando outras crianças como iguais, sem nenhuma distinção, principalmente as de raça e/ou etnia. Claro que não se pode deixar de mencionar que isso não é uma construção exclusivamente feita na sala de aula com os/as estudantes, mas sim na sociedade inteira, com a participação de diversos/as profissionais envolvidos/as com a educação, com as famílias e com a comunidade escolar.

Por esse motivo, faz-se necessária a descolonização dos pensamentos, a necessidade de mudança de visão da sociedade com relação às circunstâncias de violência e preconceito, a fim de que as pessoas não se posicionem ou não ajam com neutralidade diante de situações que não permitem isenção, como o racismo. Há uma tendência nas pessoas de sempre permanecerem caladas em situações de racismo. Em tais situações, alega-se que as atitudes do/a criminoso/a são vistas como inofensivas e as reações da vítima como exageradas. No entanto, esse tipo de preconceito subjaz a morte de pessoas pretas diariamente. Não há jornais na televisão aberta que retratem esses números de forma que causem sentimento de revolta e injustiça nas pessoas.

Portanto, é necessário que a mudança dentro da sala de aula seja ação pedagógica do/a professor/a, da visão deste/a sobre o sistema racista em que estamos inseridos, do entendimento de que crianças pretas estão fadadas ao insucesso por causa da construção desse sistema que não dá oportunidades para pessoas pretas ascenderem social e economicamente. Basta observarmos os setores de uma escola privada, de instituições públicas, de cinemas e teatros, onde prioritariamente pessoas pretas ocupam cargos na limpeza enquanto pessoas não pretas ocupam cargos de gestão. Vale ressaltar que não há problema algum em trabalhar em cargos de operacionalização, que não são de menor importância; o problema é pessoas pretas, em sua maioria e na maioria das vezes, ocuparem majoritariamente cargos com baixa remuneração.

Há diversas práticas pedagógicas de fácil acesso ao/a professor/a que podem ser usadas na construção da educação afetiva e antirracista, como leituras de histórias condizentes com suas realidades, como músicas, histórias africanas e afro-brasileiras, a origem das tranças, de turbantes, de *durags*, entre outros. A seguir há um quadro com informações que podem contribuir para a introdução de obras que tenham destaque às temáticas africanas.

QUADRO 01 – SUGESTÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENFRENTAMENTO AO RACISMO

Contos	Histórias	Músicas
Amoras - Emicida	Kente – Tecido para confecção de roupas africanas	Kokoleoko - Africa
Menina Bonita do Laço de Fita – Ana Maria Machado	Trança Nagô – Símbolo de resistência	Amoras – Emicida e Drik Barbosa
O Brasil Que Veio da África – Arlene Holanda	Turbante – Diretamente ligado às religiões africanas	Baiana – Emicida e Caetano Veloso
Meu Crespo É de Rainha – bell hooks	Durag – Usado por afro-americanos para proteger suas cabeças durante o trabalho escravo ao sol	Paxuá e Paramim – Carlinhos Brown

Fonte: OS AUTORES, 2023

A afetividade está alinhada à educação antirracista. Não há formas de separar a educação antirracista de uma dimensão afetiva. Dessa forma, conseguimos atingir os objetivos geral e específicos desta pesquisa, analisando a importância da afetividade na infância, compreendendo o racismo estrutural e como a afetividade pode ser usada contra o racismo na Educação Infantil.

O *rapper* LEALL, em sua música *Posso Mudar Meu Destino* (2021), diz: “Posso mudar meu destino/ não seja cego jovem negro/ não sinta medo jovem negro/ sem desespero jovem negro/ você pode escolher seu caminho”.

Que através da educação antirracista e afetiva, crianças e jovens pretos/as tenham a autonomia de escolher seu destino; que não sejam/estejam predestinados/as ao insucesso e a ocuparem cargos de menores remunerações, a terem seu trabalho desvalorizado, a não terem educação de qualidade, porque o sistema os/as determinou assim.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARROS, Daniela. **Educação, Resistências e Tradição Oral**: a transmissão de saberes pela oralidade de matriz africana nas culturas populares, povos e comunidades tradicionais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

BENTO, Deodoro dos Santos. **Um olhar sobre "ser preto" em um mundo com valores eurocêntricos**. 2018. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua, 2018.

BRASIL. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasil: Diário Oficial da União, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 25 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Brasil: Diário Oficial da União. 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 25 out. 2022.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Características Étnico-raciais da População: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça 2008.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>. Acesso em: 25 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

FERNANDES, Andressa L. M.; BIJAGÓ, Vagner G. Racismo Estrutural na Educação Infantil: Experiência em uma creche no município de Paulo Afonso – BA. **Revista de Ciências Humanas CAETÉ.** 2020. V2. N° 3, p. 55-74.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 72. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 143 p.

LEALL. **Posso Mudar Meu Destino.** Rio de Janeiro: Rock Danger Rec, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vse3Zy_9D1c. Acesso em: 09 jul. 2022.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen,** [S.l.], v. 2, n. 4, p. 24-44, 1 jun. 2018.

SANTOS, Dineide Sousa dos. **A relação afetiva educativa entre o professor e o aluno como artifício facilitador do processo de ensino e aprendizagem, diálogos a partir de Henry Wallon.** 2015. 64 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdades Est, São Leopoldo, 2015. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/559/santos_ds_tmp363.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 05 out. 2022.

SILVA, Daniela Barros Pontes e; FLORENCIO, Saulo Pequeno Nogueira. Racismo, infância e escola: reflexões sobre a temática racial na Educação Infantil. **Revista Com Censo,** Distrito Federal, v. 5, n. 13, p. 52-62, maio 2018.

SOUZA, Márcia L. A. “Lá na escola (não) tem racismo!?”: reflexões sobre experiências formativas em educação para as relações étnico-raciais. **Revista Ensino Interdisciplinar.** Mossoró, v. 3, n° 08, 2017.

TOLENTINO, Luana. **Outra Educação é Possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. 115 p.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da criança.** Lisboa: Editorial Veja, 1979.

Enviado em: 22/02/2023

Aceito em: 23/06/2023